

# NAVEGAR É PRECISO<sup>1</sup>: UMA RESENHA SOBRE *A HISTÓRIA DE MORA*

Gustavo Biasoli Alves<sup>2</sup>

MORENO, Jorge B. *A história de Mora: a saga de Ulysses Guimarães*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

Muitos são os livros escritos recentemente que trazem à cena o Golpe Militar e os primeiros anos da redemocratização. Muitos destes, como *A Mulher Que Era o General da Casa*<sup>3</sup> (2012), *O Sapo e o Príncipe*<sup>4</sup> (2004) e *Dossiê Brasília*<sup>5</sup> (2005), escritos por jornalistas. Com *A História de Mora: a saga de Ulysses Guimarães*, de Jorge Bastos Moreno, publicado pela Editora Rocco (RJ) em 2013 não é diferente. Não se trata da biografia de Dona Ida Magnani de Almeida<sup>6</sup>, a segunda esposa de Ulysses Guimarães, tampouco de uma versão da história política do país que ela tenha escrito. Ao contrário, à semelhança dos livros citados acima, *A História de Mora* insere-se numa revisão feita por jornalistas de dois dos períodos (Regime Militar e Redemocratização) e de alguns personagens mais significativos da história política brasileira contemporânea. A diferença é que Moreno abrange um dos atores mais destacados e pouco estudado do período: o sr. Diretas/Constituinte/Impeachment/Parlamentarismo, Ulysses Guimarães. O livro é também um complemento à abordagem do político paulista feita por jornalistas, sendo que Luis Guttemberg publicou *Moisés: codinome Ulysses Guimarães: uma biografia*<sup>7</sup> (1994) e selecionou discursos, comentou e introduziu o perfil parlamentar de Ulysses Guimarães publicado pela Câmara dos Deputados<sup>8</sup>. Por outro lado, Celia Soilbelmann Melhem e Sonia Morgenstern Russo também publicaram sua obra<sup>9</sup>.

Já se falou e se escreveu bastante sobre as razões que levaram ao golpe de 1964, à interferência estrangeira no processo, as torturas e todas as características da transição democrática, mas onde estão os indivíduos, os homens e mulheres de carne e osso que estiveram à frente desses processos?

O estudioso da história e da política brasileira ressentem-se do fato de alguns de seus personagens principais não terem deixado escritas suas opiniões, impressões ou memórias sobre o que fizeram ou viveram. Dessa forma, o analista se vê, muitas vezes, obrigado a recorrer exclusivamente às vozes de terceiros para suprir essa lacuna. Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva, por exemplo, parecem ter atentado para ela, buscando preenchê-la<sup>10</sup>; outros, como o ex-presidente José Sarney ainda poderão fazê-lo. Isto não é possível dizer para os mortos, arbitrariamente ou não, e, por capricho ou ironia do destino, para Ulysses Guimarães.

---

<sup>1</sup> Frase de marinheiros gregos da antiguidade clássica usada por Camões e Caetano Veloso. Título do discurso inaugural da antecandidatura de Ulysses Guimarães em 1973.

<sup>2</sup> Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Contato: [gbiasoli@uol.com.br](mailto:gbiasoli@uol.com.br)

<sup>3</sup> LEITE, Paulo M. *A mulher que era o general da casa: histórias da resistência civil à ditadura*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012. 224 p.

<sup>4</sup> MARKUN, Paulo. *O sapo e o príncipe*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004

<sup>5</sup> NETO, Genetton M. *Dossiê Brasília: os segredos dos presidentes*. Rio de Janeiro: Globo, 2005

<sup>6</sup> Apelidada “mora” por sua avó materna devido à tez morena da pele. D. Ida se tornou mais conhecida pelo apelido que pelo nome.

<sup>7</sup> GUTEMBERG, Luis. *Moisés: codinome Ulysses Guimarães: uma biografia*. São Paulo, Cia das Letras, 1994

<sup>8</sup> Esta publicação está disponível para acesso e download em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/10331>. Acesso em: 23 abr. 2015.

<sup>9</sup> MELHEM, Celia S; RUSSO, Sônia M. *Dr Ulysses: o homem que pensou o Brasil*.

<sup>10</sup> O primeiro publicou uma série de depoimentos a Miguel Darcy de Oliveira em *A soma e o resto: um olhar sobre a vida aos oitenta anos pela editora Civilização Brasileira em 2011*. Escreveu também *A arte da política: a história que vivi*, que foi lançado pela mesma editora em 2006, e o segundo é personagem de Lula: o filho do Brasil, filme roteirizado por Denise Paraná, Fábio Barreto, Daniel Tandler e Fernando Bonassi e dirigido por Fábio Barreto, sendo que há um livro homônimo, também escrito por Denise Paraná e publicado pela Editora da Fundação Perseu Abramo em 2003.

Assim é que, singrando as páginas do livro de Moreno, percebe-se que o autor funciona como uma espécie de “*apalermado*”<sup>11</sup> *ghostwriter*<sup>12</sup> não autorizado de D. Mora, que conta, por meio de crônicas, fatos relevantes da história nacional, usando o artifício de conversas do casal no final do dia de trabalho, na preparação para as viagens, na simples memória e em outras coisas do cotidiano.

Separar o que pode ser ficção e o que é o fato narrado pela voz dos personagens, mostrar as diferentes visões por trás de um mesmo episódio e discutir o impacto deles quando aconteceram e hoje é tarefa investigativa e pedagógica. Por essa razão, o livro é literária, científica e didaticamente interessante ao retomar a figura de Ulysses Guimarães no que seria a visão de uma pessoa que o acompanhou muito de perto e que foi sua parceira e confidente e, dessa forma, dar novas cores, um pano de fundo e um argumento muito densos para discutir os principais fatos do Regime Militar, do governo José Sarney e do início da Nova República de um ponto de vista supostamente feminino e, com certeza, jornalístico/político; além de trazer à tona cenas reais ou inventadas que teriam ocorrido no cotidiano de uma das figuras centrais da política brasileira. Eis aí a tarefa acadêmica e também o interesse maior que o livro pode despertar.

A obra não tem uma estrutura narrativa cronológica e linear e por isto parece mesmo um bom livro de memórias em que o narrador não se prende aos fatos, mas a seu significado, onde a trama da vida corre livremente na cabeça de quem viveu e escreve. Após a leitura, vemos como Ulysses Guimarães – que dentre os políticos brasileiros teve virtú como ninguém – foi bafejado por golpes de fortuna e acima de tudo amou e dedicou-se à política e ao seu país sem se importar muito com os sacrifícios pessoais que isto impõe, aconselhou e deu exemplos aos políticos mais novos<sup>13</sup>, mas que, ao mesmo tempo, teria sido capaz de encher de orgulho e de carinho a companheira, sendo por ela correspondido da mesma forma e na mesma intensidade.

Sobre esse aspecto, de todos os episódios narrados o mais denso e cheio de significados é aquele em que D. Mora teria feito (fez) com que os governadores de Estado e os principais caciques do PMDB em 1989 engolissem suas aspirações presidenciais e bancassem a candidatura de seu marido usando sua autoridade moral, seu olhar, seu silêncio e um colar de pérolas rodando no dedo.

Mas há outros episódios de igual importância para a política nacional, como as conversas com Walter Pires, Thales Ramalho e Golbery do Couto e Silva durante o Regime Militar, que teriam dados os rumos da abertura política e da transição democrática. Se nesses casos, pelo narrado no livro, D. Mora não teve participação ativa, só o fato de trazê-los novamente para o centro de palco e de dar sua interpretação é bastante relevante.

Na obra aparecem também várias cenas da ida oficial que o casal fez ao extremo oriente. A viagem tem tanto o aspecto premonitório (talvez) – de que Ulysses não deveria ou não conseguiria jamais ocupar a principal cadeira do Palácio do Planalto a não ser nos impedimentos de Sarney – como a relação com o mar (a volta a Ítaca, a Presidência, o destino?), a conhecida deselegância do personagem central ao se vestir e a amizade com as famílias de Renato Archer e Severo Gomes<sup>14</sup>.

A relação com Tancredo Neves, José Sarney, Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso, Lula e outras figuras de também aparece e há também referências a figuras já esmaecidas, porém não menos importantes do período 1.940-2.000, como: Auro de Moura Andrade, Castelo Branco, Costa e Silva, Filinto Muller, Jarbas Vasconcelos, Juscelino Kubistchek, Magalhães Pinto, Pedro Simon, Petrônio Portella, Orestes Quécia, dentre outros. Ao descrever o que fizeram ou ao abordar a relação de Ulysses com eles, é possível deslindar os bastidores da política num amplo período

---

<sup>11</sup> A expressão está em itálico porque é assim que o jornalista refere-se a si mesmo! Como um apalermado repórter que acompanhou muito de perto, ao menos a maioria dos fatos que narra.

<sup>12</sup> A ideia de que Moreno se propõe a este papel é do resenhador.

<sup>13</sup> Desta forma, o livro pode ser usado também como um paralelo a toda a literatura da Ciência Política que busca guiar os agentes na prática da política e também aquela que discute partidos políticos, burocracia partidária, disputas internas dos partidos, etc., mostrando como tudo isto pode ser cruel com os vocacionados para a política. Ao abordar o MDB/PMDB em seu início e deslindar algumas entranhas e práticas do partido, a obra de Moreno também oferece pontos de contato interessantes com os escritos sobre o partido.

<sup>14</sup> Renato Archer foi militar, diplomata e político. Filho de tradicional família maranhense, ocupou diversos cargos na Esplanada dos Ministérios, além de ter sido deputado pelo Maranhão. Severo Fagundes Gomes foi dono de uma das principais tecelagens do país, a cobertores Parahyba, além de ministro e deputado.

e ter uma ideia mais acurada do que ocorreu durante a anticandidatura em 1973<sup>15</sup>, da atuação dos civis durante o Regime Militar, da extinção do bipartidarismo, da Assembleia Nacional Constituinte e das primeiras eleições da Nova República.

Pela importância política que tiveram e pelas batalhas que travaram, Ulysses Guimarães e Tancredo Neves merecem destaque. A relação entre ambos foi conturbada, beirando o amor e ódio com desconfianças de traições mútuas, sendo que muitas vezes pretenderam que a transição democrática caminhasse por rumos diferentes. É de se supor que isso causasse uma admiração e um estresse tamanho a ambos. Segundo o relato de D. Mora/Jorge Moreno, sempre que Ulysses se via fatigado, surpreso ou irritado com as ações do político mineiro referia-se a ele pelo nome completo antecedido de um “doutor”, o que indicaria aos mais próximos a frontal discordância ou a concordância forçada com o fato ou com a atitude.

A relação entre os dois era tão profunda que D. Mora, supostamente enciumada e de brincadeira, questiona se seria merecedora de tão profundo sentimento quando morresse.

No texto de Moreno ela enfatiza ser viúva de marido vivo, tamanho o envolvimento do marido com a política, ou, ainda, ser a amante do deputado Ulysses Guimarães, cabendo a Tancredo, obviamente, o papel de esposa. A resposta do deputado teria sido profunda e profética: “Você merecerá a maior homenagem que um homem pode prestar à amada: morrer com ela.” (p. 32), não sem antes dizer que o amor por D. Mora era tanto que, caso reencarnasse, desejaria já nascer casado com ela.

Já a relação com José Sarney envolveu respeito, inveja pela ocupação da Presidência da República, autoridade, repulsa e, ao mesmo tempo, admiração pela primeira-dama, Marly Sarney, tanto pela parte de Ulysses Guimarães como da parte de D. Mora.

Deputado constituinte acometido por uma apendicite, o futuro presidente Luís Inácio Lula da Silva teve contato com um lado extremamente humano do presidente da Assembleia Constituinte que não apenas mobiliza céus e terras por seu atendimento, como fica a seu lado até que volte da anestesia<sup>16</sup>.

Cabe um parágrafo especial à relação entre Lula-Fernando Henrique Cardoso e ao papel de Ulysses na transição do bipartidarismo ao multipartidarismo. O tema tem destaque na crônica *Os filhos da (rua) Maria Antônia*, em que se pode ver o quão próximos os dois ex-presidentes estiveram e o quanto pode ser significativa a atual distância entre eles. Por terem pertencido ao mesmo partido, a relação Ulysses-FHC é tratada de maneira mais intensa e frequente e o livro de Moreno retrata bem o papel que o primeiro teve na aceitação do segundo dentro das hostes medebistas, como foi seu tutor no Senado Federal e como foram gradativamente se separando até a cisão do PMDB e o surgimento do PSDB.

A disputa pelo espólio medebista é outro tema recorrente no livro, aparecem diversas vezes as querelas entre Ulysses Guimarães, Orestes Quéricia e outros políticos de destaque à época pelo legado do partido. Se de início tem importância apenas a pendenga com Tancredo Neves, que resultou na criação do PP e em seu posterior retorno ao PMDB, depois vêm todas as questões que afastaram progressivamente Ulysses Guimarães de seu partido, a dramática escolha para a disputa das eleições de 1989, sobrando ao final certo tom de mágoa pela maneira como o deputado foi tratado.

Com Fernando Collor de Mello, a relação foi de desprezo. Ulysses, a princípio, foi contrário ao Impeachment, chegando a sugerir a Antônio Carlos Magalhães que o ex-presidente fosse tratado como um mau aluno do qual se devia “cobrar o boletim” para que apenas ao final do processo e caso merecesse fosse reprovado. Como as coisas tomaram outro rumo, D. Mora vê seu marido, à época um simples deputado federal, ressurgir como uma Fênix para a política, sendo que para isto foi necessário

---

<sup>15</sup> Com o intuito de expor as farsas e limites da eleição indireta para Presidente da República, Ulysses Guimarães e Barbosa Lima Sobrinho, jornalista e então presidente da Associação Brasileira de Imprensa, lançam-se numa campanha eleitoral que percorre e eletriza o país, sendo fundamental para a derrota eleitoral que o MDB imporia à ARENA no ano seguinte e constituindo-se num marco da derrocada do Regime Militar pelas vias institucionais de representação e participação política que este permitia.

<sup>16</sup> O fato também é descrito no livro do jornalista Paulo Markun.

convencer a Antônio Carlos Magalhães, antológico político baiano e algoz do então vice-presidente Itamar Franco, de que ambos, Ulysses e Antônio Carlos Magalhães, haviam sido tragados pelos fatos<sup>17</sup>.

Mal sabia ela e mal sabiam todos que este seria o último ato da carreira política e da vida de Ulysses Guimarães, quando o helicóptero em que ele, D. Mora, o casal Gomes e o piloto mergulhou triste, e de maneira até hoje não explicada, no Atlântico próximo a Angra dos Reis.

---

<sup>17</sup> “O fato. Sua excelência o fato”. É uma frase de Charles de Gaulle, estadista francês em quem Ulysses se inspira que é repetida *ad nauseum* no livro para justificar muitas coisas.